



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7886 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 02 - História da Educação

O USO DA LITERATURA COMO FONTE PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: APONTAMENTOS PRELIMINARES SOBRE A LEITURA DA OBRA AMAR, VERBO INTRANSITIVO.

Marco Antonio de Santana - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Raquel Discini de Campos - UFU - Universidade Federal de Uberlândia

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

O USO DA LITERATURA COMO FONTE PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: APONTAMENTOS PRELIMINARES SOBRE A LEITURA DA OBRA AMAR, VERBO INTRANSITIVO

INTRODUÇÃO

O presente resumo apresenta um recorte de pesquisa historiográfica em andamento, inserida no campo dos estudos sobre a História da Educação no Brasil, na dimensão da *Nova História Cultural* (CHARTIER, 1992; BURKE, 2005). Em linhas gerais, à luz dos pressupostos dos historiadores da cultura, discutimos como, por intermédio de um texto literário, podemos reconstruir as representações sobre as preceptoras em circulação na sociedade paulistana no início do século XX a partir da obra *Amar verbo intransitivo*, do modernista Mario de Andrade.

O objetivo aqui delineado é o de tecer considerações sobre os pressupostos teóricos que envolvem a utilização da fonte literária para a elaboração de narrativa historiográfica, a partir do questionamento de como compatibilizar a realidade imaginada sobre alguma matéria, as representações que dela podemos extrair, em contraponto com a necessária verossimilhança de sustentação da investigação que lhe possa conferir credibilidade.

Quanto ao método empregado, trata-se da análise crítica de vestígios do passado, sintetizados no conceito de operação historiográfica (CERTEAU, 1982).

DESENVOLVIMENTO

O historiador, ainda que possua bastante conhecimento do objeto de pesquisa, nas diversas acepções contextuais que ele esteja inserido não pode deixar de conhecer suas fontes, como ferramental bruto enquanto objeto de análise que permita conhecer, e melhor, a discussão central posta ao debate. Aliás, em que pese essa afirmativa pareça carregar redundância, a ação formativa do historiador o leva a amplitude de conhecimento pressupondo que anteriormente estivesse exposto às fontes para que o conhecimento fosse adquirido em algum momento da sua existência, enquanto pesquisador.

Partilhando dessa ideia, Prost (2017) assinalou que a história é algo que se escreve, mas não é qualquer escrita, pois nesse domínio busca-se que a redação seja firmada na verossimilhança das alegações que o próprio historiador utiliza em seu enredo de síntese. Nesse aspecto, nota-se que a narrativa histórica precisa ser verificável, cujo acesso permita ao leitor certificar que dela se extrai a comprovação.

Com o rompimento do paradigma positivista então dominante abre-se espaço para a pauta história-problema que inclui novas abordagens, objetos e problemas (LE GOFF; NORA (1976, 1995a, 1995b). A partir da ampliação do leque de questões é que os textos literários se mostraram capazes de fornecer multiplicidade de leituras ao pesquisador, na medida que conseguem auxiliar na compreensão de questões da experiência humana do passado, que dificilmente apenas os documentos oficiais seriam capazes de oferecer.

Se a literatura e expressões artísticas são produzidas por homens de seu tempo e o homem coletivo é representado no bojo da coletividade que o escritor está inserido, entende-se que a literatura se apresenta como fonte primorosa para auxiliar na compreensão dos sentidos da existência, pela busca das causas.

Para Ferreira (2009) literatura é arte, que a particulariza em relação a outros tipos de textos. Não se trata daquela concepção onde literatura é empregada para definir todas as expressões escritas, como literatura médica, literatura jurídica, literatura física. Vem de Aristóteles o conceito de *mimese*, que significa reprodução do mundo e a literatura, enquanto arte traz isso: a representação.

Nesse aspecto, infere Chartier (1992) que as representações estão ligadas ao mundo da ficção, por mais verossímil que se apresente. Assim, cabe ao historiador cotejar as obras literárias com outras fontes que lhe sejam contemporâneas, de modo ser possível contextualizar a obra e dela extrair seu sentido – e também alcance –, na tentativa de aproximação com a multiplicidade de explicações da realidade histórica.

O que é preciso ter em mente enquanto sutileza para compreender a literatura como ferramenta historiográfica é enfatizar o modo como ela foi concebida e tentar compreender as fronteiras entre a ficção e a ciência histórica, pois a forte ideia que se tem é que literatura retrata o fingimento, o imaginário ou forma de divertir o leitor, puro deleite dissociado da realidade, com a qual não tem compromisso.

Todavia, de algum modo, toda obra de ficção possui raízes na sociedade em que foi produzida. É nesse sentido que Abreu (2004, p. 41) explica que “literatura é um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais”. Assim, quanto a pesquisa no campo da história, busca-se

compreender os modos como a literatura foi produzida e o que a torna especializada em contraponto com outras expressões comunicativas ou registros.

Importante destacar que as representações estão inseridas na dimensão da verossimilhança e da credibilidade e não de veracidade (PESAVENTO, 2004). A preocupação de fato reside na harmonização, na coerência entre os elementos imaginados, pois em cada época os homens edificam representações para atribuir sentido ao real.

Nicolau Sevcenko (2003) publicou importante obra intitulada “*Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*”. Trata-se de um estudo sobre o cenário brasileiro do final do século XIX, de grandes modificações políticas e econômicas, no qual se destaca a abolição escrava e a proclamação da república que coloca o Brasil noutra lugar social. É nesse contexto que os escritores Euclides da Cunha e Lima Barreto elaboraram suas respectivas obras literárias, que Sevcenko considera permeadas pelo espírito de missão de invento de linguagem que traçam um panorama entre ciência, cultura e história.

Desse modo, a literatura é importante não apenas para o leitor geral, mas sobretudo para o exame cuidadoso do historiador, já que tem suficiente potencial para acentuar a imaginação, a sensibilidade, atributos tão caros ao ofício do historiador. São os saberes variados conforme explicou Ginzburg (1989, p. 170), como fios de um tapete, densos e homogêneos, como paradigma indiciário, que vão permitir melhor faro do pesquisador.

O que se tem é que as manifestações artísticas que comportam a literatura, como infere Ferreira (2009), são fontes fecundas para compreender o que elas têm a dizer sobre representação social. Considerando que as representações do mundo social são continuamente determinadas pelos interesses de grupo que as tecem. Nessa direção,

Parece-me que a teoria das representações sociais apresenta-se com as credenciais necessárias ao estabelecimento de uma teoria da metáfora, não o inverso, já que as representações sociais, enquanto produtos e processos, expressam significações que circulam em um dado grupo social, no qual se estabelecem as metáforas, as quais são reconhecidas pelos membros do grupo. (MAZZOTTI, 1998, p. 5-6).

A teoria das representações sociais apresenta-se com as credenciais necessárias ao estabelecimento de uma teoria da metáfora, não o inverso. Por derradeiro, resta esclarecer que levou bastante tempo para a historiografia aceitar que a literatura pudesse cooperar para a compreensão de condutas individuais e coletivas e isso só passa ser possível a partir do momento que a história reconhece que a dimensão subjetiva e imaginária é tão importante quanto conhecer fatos políticos e que, pela literatura torna possível iluminar caminhos estranhos às demais fontes.

CONCLUSÃO

Diante da fonte literária, não é papel do historiador se ocupar apenas das questões estéticas, dos gêneros, mas do contexto e o que elas representam. Rocha (2011) fala do

cruzamento de disciplinas, além de enfatizar que a literatura não deve ser reduzida à mera função de documento, tampouco fazer alusão do historiador como ficcionista, mas tornar o problema teórico.

A questão da utilização da literatura enquanto fonte mostra-se possível e relevante também no campo da história da educação, já que a própria escola, as interações no espaço escolar, o mundo infantil, os professores e os preceptores foram também apresentados em outros tipos de textos, inclusive os literários, como os romances, os contos, as poesias. Por isso, Galvão & Lopes (2010) admitiram que é através da exploração desse tipo peculiar de fonte que se torna possível descobertas de mundos diversos daqueles apresentados em legislações normatizadoras das instituições escolares, de atas de reuniões, planos de aula, cadernos de alunos, relatórios estatísticos de censos governamentais ou de autoridades locais.

Vale lembrar que a demarcação entre ficção e realidade se mostra cada vez mais leve, mas embora a ficção não seja necessariamente reflexo do real, a porção de realidade que pela literatura pode ser revelada resulta da reinterpretação do historiador.

Palavras-chave: Fonte literária. História da educação. Representações.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura Letrada - Literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Tradução de André Telles. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2002.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 211-238
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CHARTIER, Roger. Textos impressões e leituras. *In*: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Tradução de *Tradução de Leonor* Martinho Simões e *Gisela Moniz*. 2. ed. Lisboa: Editora Presença, 1989.
- FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. **História: Novas abordagens**. Tradução de Henrique

Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. **História: Novos objetos.** Tradução de Terezinha Marinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995a.

LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. **História: Novos problemas.** Tradução de Theo Santiago. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995b.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. **Investigando os núcleos figurativos como metáforas.** I Jornada Internacional sobre Representações Sociais: Teoria e Aplicação. Natal - RN, 1998, p. 1-12. Trabalho completo apresentado no Grupo de Trabalho n. 9. Disponível em: <https://www.academia.edu/1444723/N%C3%BAcleo_figurativo_themata_ou_met%C3%A1fc> Acesso: 12 set. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História cultural.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história.** Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ROCHA, João Cezar de Castro. (Org.). **Roger Chartier A força das representações: história e ficção.** Chapecó: Argos, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural: a pesquisa em história da educação.** São Paulo: Ática, 2010.